

# A história de vida de Carolina como ressignificação: Literatura e etnicidade na Educação de Jovens e Adultos

Autor:

**Jufran Alves Tomaz**

*Mestrando em Estudos da Linguagem (PPgEL), Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

DOI: 10.58203/Licuri.83394

## Como citar este capítulo:

TOMAZ, Jufran Alves. A história de vida de Carolina como ressignificação: Literatura e etnicidade na Educação de Jovens e Adultos. In: KOCHHANN, A.; SOUZA, J. O. (Orgs.). **Reflexões teóricas o Ensino e a Educação**. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 57-67.

ISBN: 978-65-999183-3-9

## Resumo

O presente artigo visa propor reflexões acerca da história de vida de Carolina Maria de Jesus como modelo de ressignificação para estudantes da modalidade de Ensino de Jovens e Adultos - EJA, o ensino de literatura brasileira e a relação de etnicidade em contexto escolar. Desde logo, busca-se sob os pensamentos de autores como JESUS, GARCÍA CANCLINI, CHARTIER, BOURDIEU, NÓVOA dentre outros, romper com os muros do preconceito e estereótipos enfrentados corriqueiramente pelos estudantes na EJA frente ao modelo de ensino de literatura brasileira que valoriza e fundamenta narrativas de vida engessadas no eurocentrismo em detrimento da etnicidade, diversidade que povoa nossas salas de aula. A história de vida de Carolina Maria de Jesus, “uma das primeiras escritoras negras do Brasil”, contribui para associação inevitável do sentido duplo entre o ato de ensinar literatura e o ato emancipador de estudantes na EJA, mostrando as ricas possibilidades que o método (auto)biográfico e a prática docente constrói de maneira significativa na escola. Já o principal objetivo é enxergar a representatividade da mulher negra através do banzo e a ancoragem das narrativas discursivas imbricadas nas práticas de escrita literária e histórica no ensino de EJA.

**Palavras-chave:** Docente. Ensino. EJA. Prática pedagógica.

## INTRODUÇÃO

Carolina Maria de Jesus “(Sacramento, 14 de março de 1914 – São Paulo, 13 de fevereiro de 1977) foi uma escritora, compositora e poetisa brasileira”. Trazer para o debate a história de vida de Carolina Maria de Jesus (2014) e o ensino de literatura na modalidade de Educação de Jovens e Adultos - EJA (Fase II - Corresponde do 6º ao 9º ano do Ensino Regular - séries finais do Ensino Fundamental) tem por finalidade integrar teoria e a prática de professores no contexto escolar, rever relações com a interdisciplinaridade que priorize a reflexão dos docentes sobre o ensino-aprendizagem de linguagem tão importante na prática educativa. Com essa compreensão, analisamos a obra de Carolina Maria de Jesus - “*Quarto de Despejo*”, vislumbrando apreender com ela questões de empatia, resignificação, e, sobretudo, defrontar-se com a pobreza sob enfoque da exploração capitalista que fragiliza ainda mais a etnicidade em nosso país (grupos de pessoas caracterizadas pela cor da pele, cabelo, linguagem, costumes e religião).

O objeto de reflexão do presente estudo diz respeito ao tratamento teórico que JESUS (2014), GARCÍA CANCLINI (2008), CHARTIER (2011), BOURDIEU (2001), NÓVOA (1988) dentre outros, dispensaram à relevância das narrativas/histórias de vida, a formação dos professores e o ensino de literatura brasileira. Já o principal objetivo é enxergar a representatividade da mulher negra através do banzo e a ancoragem das narrativas discursivas imbricadas nas práticas de escrita literária e histórica no ensino de EJA.

Nesse sentido, averiguar o percurso literário dos alunos e professores na EJA, requer extrapolar a esfera educacional e perpassar os variados segmentos da dinâmica social, o meio sociocultural, a história de vida desses personagens que fazem uso da escola pública, embebidos por obstáculos teórico-ideológicos que por tanto tempo têm denegado aos milhares de estudantes da EJA a compreensão do patrimônio cultural e a percepção étnica que esses estudantes carregam consigo ao recorte superficial da realidade simbólica, onde os símbolos são apresentados pelo viés das narrativas etnocêntricas, fazendo com que esse estudante - negro, trabalhador, que professa religião de matriz africana, sinta-se reduzido, não se reconheça nas singularidades de sua própria existência.

Por outro lado, cabe aos professores utilizarem da literatura negra em suas aulas, aproximando a realidade de autores cujas histórias de vida deturpam, contradizem e formam novas interpretações da realidade, demonstram a superação de grupos sociais

marginalizados (pobres, desempregados, homossexuais, travestis, imigrantes, negros, deficientes, idosos) dentre outros.

Adotamos uma pesquisa de cunho (auto)biográfico, baseada na obra “*Quarto de Despejo - diário de uma favelada*” de Carolina Maria de Jesus e fenomenológica. A pesquisa procurou encontrar relações entre três variáveis: ensino de literatura, formação docente e etnicidade na EJA.

O artigo está dividido em duas seções principais, além desta introdução e das considerações finais: a primeira versa sobre a história de vida de Carolina Maria de Jesus e sua resignificação frente aos desafios e as adversidades enfrentadas por ela. Na segunda parte destacamos vida cotidiana escolar e prática do ensino de literatura na modalidade de Educação de Jovens e Adultos - EJA, visando não uma exegese desses temas, mas sim contribuir com o registro de análises realizadas e contribuição às questões ainda atuais e prementes sobre o ensino de literatura e a formação docente.

## HISTÓRIA DE VIDA DE CAROLINA

Quando se pensa sobre Carolina Maria de Jesus e suas contribuições para a literatura brasileira na contemporaneidade, entramos num processo de (re)construção da identidade do povo negro - sua etnicidade, frente à fragmentação imposta aos mesmos por conta do sistema econômico capitalista, excludente, neste mundo globalizante. Falar de identidade é pensar no negro como elemento fundamental na formação dos brasileiros, que junto com as demais etnias formam esse país pluricultural. Aliás, essa construção da identidade negra continua sendo motivo de discussão em todas as esferas do saber.

Norteados pela discussão exposta, passo a evocar a trajetória de vida de Jesus (1914-1977), mulher negra, que nasceu na cidade de Sacramento - MG, tornando-se escritora conceituada nacional e internacionalmente. Evidenciam-se, na sua história de vida a luta contra a fome (questão sociocultural e política) vivenciada tanto em contexto rural, quanto na comunidade/favela do Canindé - SP. Filha de pais analfabetos, soube muito jovem o que é a prisão literalmente, sob acusação de roubo não provado juntamente com sua mãe. Há um duelo entre as esferas que compõem a nossa sociedade, na qual os integrantes da elite ditam as leis e determinam que a cadeia seja feita para pobres, negros

ou àqueles fora dos padrões aceitos por essa elite. Que a liberdade é destino de quem detém o poderio econômico, dentro de uma perspectiva da sociedade do lucro.

Em seu livro *Quarto de Despejo - diário de uma favelada*, Carolina Maria de Jesus dedica à reflexão sobre o que é viver na favela no que tange aos direitos políticos, econômicos, culturais e sociais que todo e qualquer cidadão deveria ter garantidos na prática e não apenas na “letra morta”. Ela mesma denuncia ao relatar seu cotidiano:

15 de julho de 1955 Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida (JESUS, 2014: 11).

É na favela que encontramos um dos exemplos de lugar que agrega as consequências sociais, econômicas e ambientais com tamanho descaso por parte das autoridades políticas em nosso país. Não é a toa que a autora supracitada denomina esse lugar de “quarto de despejo” - lugar reservado ao esquecimento, onde as pessoas jogam seu lixo, quarto em desordem. E em seu diário, ela vai relatando sua história de vida, qual seu lugar enquanto mulher negra no Brasil contemporâneo, catadora de papéis, livre, mas sob algumas condições. É certo que algumas mudanças aconteceram no Brasil antes escravocrata, em que as mulheres negras eram “procriadoras” e ou serviam apenas como mão de obra para a produção agrícola. Nos tempos de Carolina, ela tem a possibilidade de não só reconhecer seu lugar na sociedade brasileira como tarefa árdua a ser desenvolvida, conquistada por todos os afrodescendentes, mas de poder ser porta-voz dos excluídos socialmente, favelados, negros, mulheres. Ela busca obter sua hegemonia literária. Dessa forma, TOMAZ (2017) ao descrever o conceito de hegemonia aponta Gruppi (1978) em seu texto:

A hegemonia é isto: determinar os traços específicos de uma condição histórica, de um processo, tornar-se protagonista de reivindicações que são de outros estratos sociais, da solução das mesmas, de modo a unir em torno de si esses estratos, realizando com eles uma aliança na luta contra o capitalismo e, desse modo, isolando o próprio capitalismo (GRUPPI; 1998: 59).

Nesse sentido, Carolina Maria de Jesus por meio de seus escritos, reflete hoje em todos os seus leitores, um pensar no desenvolvimento da história e da ação dos “afrodescendentes”, dos pobres e ou marginalizados socialmente, esse lugar de hegemonia que não está ligado somente pelo viés econômico, mas, sobretudo pelo intelectual, capaz de (re)construir a autoestima de homens e mulheres vivendo em processo de pobreza e da extrema pobreza, que sofrem discriminação racial, legados do colonialismo. A escritora vai à contramão do determinismo histórico, provando ser capaz de reescrever sua própria história de vida, influenciar pessoas por meio de sua escrita, de uma literatura capaz de dar autonomia aos estudantes e professores, torná-los cidadãos politizados. Com isso, corrobora as ideias de GARCÍA GANCLINI (2008, p. 23) sobre o papel da educação na atualidade: “Em vez de formar profissionais e pesquisadores para uma sociedade do conhecimento, treina peritos disciplinados”. Uma mecanização do saber a serviço do mundo individualista, machista opressor, branco, rodeado por ideologias que subjuguem qualquer um, prevalecendo à busca do lucro e do poder. Segundo BOURDIEU (2001, p. 07): “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”.

Carolina provoca mudanças nesse processo de dominação nos meios literários, por meio do inconformismo social, provoca nos leitores de sua obra a capacidade de usar a sua “história de vida” como instrumento indispensável à sua autonomia social. Tarefa difícil, mas possível. É o que denominamos de “ressignificação” - capacidade de atribuir novo significado à situações extremas e perigosas, mudança de vida, mesmo estando em meio ao caos.

De fato, Carolina Maria de Jesus consegue extrair dos limões azedos da pobreza - falta de infraestrutura domiciliar, violências diversas à qual está sujeita, fome, uma limonada. Sua obra é tão atual que se confunde com a vida de milhares de brasileiros “em fila para matar fome com ossos de boi” em muitas cidades brasileiras.

2 de agosto Vesti os meninos que foram para a escola. Eu saí e fui girar para arrancar dinheiro. Passei no Frigorífico, peguei uns ossos. As mulheres vasculham o lixo procurando carne para comer. E elas dizem que é para cachorros. Até eu digo que é para cachorros... (JESUS; 2014:105).

Observa-se no tempo vivido por Carolina e sua escrita, final do Século XX e os dias atuais vivenciados pelo povo brasileiro, a continuidade da dominação capitalista enquanto fenômeno na sociedade, mas também a literatura como inspiradora de uma nova ordem, uma revolução capaz de contestar a ordem do capital e a formação de classes sociais. Tudo isso é possível por meio da educação emancipatória, através do ato de ler, por meio de uma literatura comprometida com a liberdade.

Dentro da perspectiva indicada e o conceito de ressignificação, utilizamos a pesquisa de cunho (auto)biográfica, testemunhal, da obra *quarto de despejo*, que surge entre as concepções de NÓVOA e FINGER (1988) como método de pesquisa a ser utilizado na educação, capaz de desvendar aprendizagens significativas experienciadas por pessoas diferentes (aqui nos referimos as comparações realizadas entre a história de vida de Carolina Maria de Jesus, professores e de estudantes da EJA), com sociedades e culturas distintas. Segundo NÓVOA (1988: 142), citando Pierre Dominicè - o que a vida lhes ensinou: “Os dados bibliográficos prestam-se a diversos usos para o investigador que, em volta à noção de processo, se interessa de um modo mais geral pela formação dos adultos”.

Assim dimensionados, esse modelo de pesquisa (auto)biográfico confirma o importante papel em se estudar a história de vida de autoras femininas e negras como Carolina, no cenário da literatura comparada.

É notável neste trabalho o uso da pesquisa bibliográfica na qual explicitarei vida e obra da autora em destaque - JESUS (2014), suas contribuições enquanto mulher negra e escritora que contribui para mudanças discriminatórias que subjagam qualquer ser humano. Já no aspecto fenomenológico conforme RAMOS (1973), buscaremos as diferentes manifestações da temporalidade, de modo a não se buscar o sentido da obra, mas traçar-lhe um sentido com base não só nos seus elementos intrínsecos, mas também nos dados históricos que a produziram; isolamos a etnicidade para estudá-la e usá-la, demonstrando que a inclusão de saberes negros, em especial na literatura brasileira, em meio às discussões que se constroem para o estudo na educação das relações étnico-raciais devem ser utilizadas e valorizadas na academia na formação de professores aptos a lidarem com a diversidade cultural na escola pública, com os estudantes da EJA, contribuindo para o pensar acerca da construção identitária e da diversidade cultural existentes em nosso meio social e escolar.

## FORMAÇÃO DOCENTE E ENSINO DE LITERATURA: PARA ALÉM DA PRÁTICA DEMAGÓGICA

Para começar a discorrer sobre a formação do professor e o ensino de literatura é necessário entendermos que ambos devem estar juntos, onde as ações e sentidos possam se construir e se renovar mutuamente. Quem lida com o ensino de literatura deve conhecer o passo a passo da linguagem literária. E como só se aprende literatura lendo - ler para conhecer, ler para saber se gostamos ou não, ler para despertar o desejo de ler mais, ler para pensar, ler para imaginar. Logo o professor de literatura é chave muito importante nesse processo de reflexão e ensino necessários para explicitar, desenvolver nos estudantes um zelo pela literatura que comunica, causa-lhes emoção, impressiona.

Em sentido estrito, a formação docente passa pelos bancos das universidades que contribuem para dar significado teórico-prático que habilitam os estudantes tornarem-se profissionais aptos a lecionar. O ensino de literatura, a meu ver, por sua vez não deve ser restrito aos docentes formados em “Letras”, mas deve ser matéria de formação literária de todo candidato à função de professor. Isso assevera o caráter dinâmico da cultura do conhecimento nos centros acadêmicos, algo que nunca deve se apresentar estática.

É preciso salientar, porém, que essa dicotomia que acabamos de estabelecer, entre formação docente e ensino de literatura, não exclui a possibilidade de esses dois temas - formação docente e ensino de literatura, estarem simultaneamente no mesmo espaço. Ambas têm como cenário a escola, lugar estratégico onde tecemos os fios da racionalidade e ficção, no qual a literatura toca, emociona e mobiliza o ser humano, tanto no nível racional como no emocional, favorecendo uma vinculação do homem consigo mesmo, com os outros homens e com o mundo.

A literatura coloca-nos, também em contato com o tempo eterno da memória, que atravessa gerações e resiste à rapidez vertiginosa e ao esquecimento. Um exemplo significativo dessa profunda relação literária com a vida é a obra *Quarto de Despejo* de JESUS (2014), que em suas páginas demonstra a realidade das classes sociais, inclusão versus exclusão de pessoas ao mercado de trabalho, a fome, entre outros fatores, resultado do sistema capitalista ainda em vigência, bem com a relevância de suas narrativas/história de vida deixadas como registro literário para as atuais e futuras gerações. Como aponta CHARTIER (2011, p. 240-241), em diálogo com Pierre Bourdieu:

Entre as leis sociais que modelam a necessidade ou a capacidade de leitura, as da escola estão entre as mais importantes, o que coloca o problema, ao mesmo tempo histórico e contemporâneo, do lugar da aprendizagem escolar numa aprendizagem da leitura, nos dois sentidos da palavra, isto é, a aprendizagem da decifração e do saber ler em seu nível elementar e, de outro lado, esta outra coisa de que falamos, a capacidade de uma leitura mais hábil, que pode se apropriar de diferentes textos. O interessante aqui é o fato de mostrar, como havia feito Jean Hébrard a partir da interrogação minuciosa de narrativas autobiográficas, como a aprendizagem da leitura se apoia muito mais sobre os questionamentos pré ou extra-escolares, ligados à descoberta pela criança de problemas que pertencem à difícil compreensão da ordem do mundo, do que sobre uma escolarização ou uma aprendizagem escolar.

Como se pode perceber, CHARTIER (2011) demonstra o quanto a linguagem literária pode ser lúdica e importante no ato de ensinar as crianças, é como se fosse um jogo de palavras e sentidos que se renovam a cada leitura. Porém, ele prossegue apontando as “narrativas de vida” como elemento significativo de encontro entre o leitor e a linguagem literária, capaz de dar renovação aos significados da própria palavra - sentido, mediar condições socioculturais, familiares, características particulares de quem aprende, a escola e o professor. A palavra do leitor se junta à palavra do poeta, do prosador e, nesta interação, os sentidos se constroem e se renovam.

Isso posto, como a escola tem apresentado para seus estudantes na EJA o convite para entrar no fantástico mundo da literatura, da ficção, da comparação? Como imposição insípida, como memorização de códigos ou como ato transformador que faz sentido para quem é convidado a ler?

Levar para sala de aula todos os livros de poesia de que a escola dispõe ou outros gêneros literários, deixá-los tocá-los, folheá-los. Ler quantos trechos de livros se quer até encontrar aquela poesia que mais de perto lhe fale. Ler em silêncio e oralmente, comentar, não implica necessariamente interiorizar ideias, crenças ou formas de pensar. Por vezes, essas estratégias ditas “pedagógicas” é fruto de uma “prática demagógica” desenvolvida em sala de aula unicamente como produto da atividade humana, com intuito de se manter uma ordem social, desvinculada da literatura como prática prazerosa, possível de contextualizar nossa realidade social e pessoal. Segundo ZILBERMAN (2012:22):

Se, na primeira metade do século XX, o texto literário parecia ser a única preocupação da Teoria da Literatura, nas últimas décadas daquele século e na primeira do atual milênio o foco coloca-se nas relações entre a literatura e o mundo que a cerca, incluindo novos figurantes no processo: o leitor, as mulheres, a identidade nacional, por exemplo.

Precisamos trilhar por outros caminhos da literatura. Aprender a conviver com os diversos gêneros literários, seu universo fascinante e imenso de significações. Caminhos de extrema liberdade que vai, por exemplo, da poesia simples e regionalista da professora CABRAL (2017:28), que utiliza em seu poema “Filosofia de Vida”, elementos da natureza (água, terra) constituídos de metáforas e lições para a vida humana, incentivos a continuarmos o jornadas entre os obstáculos inesperados que surgem pelo caminho do nosso cotidiano. Ou podermos passear pela escrita recheada de leveza, típica da capacidade interpretativa de GONÇALVES (2012) ao descrever o pensamento de CALVINO apud PESSOA NETO (1997, p. 132-133):

Um grande poeta pode viver em uma cidadezinha e pensar, absolutamente, de modo não provinciano, além do provincianismo das situações geográficas, históricas e sociais. E, ousa dizer, além do provincianismo do gênero humano. [...] Um homem de letras preocupa-se com tudo e com nada.

E, ao nos reconhecemos nessas práticas literárias das professoras Valdenides Cabral e Marta Gonçalves, considerarmos a presença marcante dos escritos de Carolina Maria de Jesus como prática necessária de ensino na EJA; suas inquietações, palavras enunciadas, medos e principalmente sua capacidade de transformação retiradas do caos social no qual ela mesma viveu e testemunhou.

Ao propor essa interação entre o processo de formação docente e o ensino de literatura, em especial na modalidade de EJA, estamos estruturando uma “transposição didática” que valoriza a transformação da cultura em objeto de ensino-aprendizagem escolar. Arrolamos a adequação do texto literário em sala de aula a partir da história de vida da autora em discussão, objetivo maior desse artigo e que cremos ser indispensável nos espaços escolares e na mediação dos professores brasileiros.

Assim sendo, todo tratamento literário dado aos estudantes na EJA deve considerar essa interação entre o tipo de formação docente destinado aos professores e sua prática no ensino de literatura. É preciso transpor as histórias, poemas, gêneros literários e seus elementos narrativos (narrador, personagens, diálogos, tempo, espaço) para situações reais, e pensar transitivamente o texto, isto é, olhar através das palavras para a realidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um momento como este é, sem dúvida, desafiador, porque estimula a revisão dos caminhos já trilhados no processo educacional brasileiro frente à modalidade de Ensino de Jovens e Adultos - EJA, bem como a busca de novos caminhos à prática do ensino de literatura brasileira em sala de aula.

Em um primeiro momento, percebe-se a necessidade de um olhar metodológico sobre questões relacionadas às abordagens (auto)biográficas, na trajetória dos docentes nesses últimos anos, que revela uma trajetória de sucessivas mudanças conceituais e, resultados animadores tanto na esfera da prática profissional dos mesmos, como para os pesquisadores preocupados em escreverem uma teoria que trata do processo de formação de adultos.

Assim, sem esquecer que os estudantes da EJA já trazem consigo conhecimento e visão de mundo que certamente estarão associados à sua leitura, cabe aos professores, possibilitarem aos estudantes, o gosto pela leitura em contexto de sala de aula, mesmo quando chegam cansados após um dia inteiro de trabalho. É necessário contagiarmos nossos alunos com uma literatura cujo cultivo de suas narrativas tornem-se referenciais significativos para suas vidas. Ao permitirmos que esses alunos tenham acesso a obras como *Quarto de Despejo - diário de uma favelada*, podemos colocar o texto literário a serviço da liberdade humana.

Hoje em nosso país, é importante dizer que essa trajetória da literatura negra cada vez mais revela o hiato entre os povos - o racismo; algo que precisamos transformar, pois se desistirmos da nossa utopia de construir uma cultura antirracista estaremos derrotado.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

GONÇALVES, Marta Aparecida Garcia et al. "A travessia em busca de uma escrita leve: de perseu a bernardo da mata". Anais ABRALIC... Campina Grande: Realize Editora, 2012. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/1854>>. Acesso em: 27/08/2020 16: 20.

CABRAL, Valdenides. *Pulsar*. São Paulo: Scortecci, 2017.

CHARTIER, Roger. *Práticas da Leitura*. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1978.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São paulo: Ática, 2014.

TOMAZ, Maria de Fátima. *A experiência das ações afirmativas na UFRJ/ECO*. Rio de Janeiro, 2017. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Escola de Comunicação - ECO. Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré.

RAMOS, Maria Luiza. *Fenomenologia da obra literária*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1973.

ZILBERMAN, Regina. *Teoria da literatura I*. 2. ed. - Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2012.